

**ENSINO DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL  
EM CONTEXTOS INTERDISCIPLINARES**

*Márcia Antônia Guedes Molina* (UFMA)  
[macia.molina@ufma.br](mailto:macia.molina@ufma.br)

**RESUMO**

Nossa proposta nesta mesa é discutir o papel do professor de língua portuguesa num BICT (Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia. Este curso é uma proposta relativamente nova na educação superior, tendo seu início em 2005. Hoje já há mais de 40 nesse formato, oferecidos por diferentes universidades. De acordo com Rey, vice-reitor da UFABC (Universidade Federal do ABC), a ideia de criação desses bacharelados adveio de um projeto pedagógico da Academia Brasileira de Ciências, que alertava para o real papel da universidade, que deveria ser pensada para desenvolver soluções para os problemas da sociedade contemporânea, entre os quais, a escolha profissional de forma imatura. Num BICT, ele não precisa definir o curso a ser seguido no momento da entrada na universidade, só depois, escolhe seu caminho. Outro desafio relatado por aquele Projeto é a pouca idade do ingressante. O BICT em que atuamos no Maranhão proporciona, primeiramente, a formação em ciência e tecnologia, e o que temos visto é a opção da maioria em dar continuidade a seus estudos em engenharia. A UFMA oferece 04 opções aos concluintes: computação e meio ambiente; sanitária; civil e mecânica. O ideal desses jovens é ser engenheiros. Nosso desafio é desenvolver um trabalho motivador em sala de aula, visto que sua relação com a área de exatas pode ocasionar desinteresse por nossa cadeira. Atuamos na disciplina de leitura e produção textual, procurando dar um tratamento interdisciplinar ao seu conteúdo, lembrando que não há conhecimento sem poderes que os sustentem. Dessa forma, frente à complexidade atual, vimos nos valendo de uma epistemologia expandida, perpassando por áreas diferentes, dispensando olhares diversos sobre o mesmo objeto. O aparato teórico que norteia nosso trabalho é o de Fazenda (1996) e Morán (2015), entre outros.

**Palavras-chave:** Disciplina. Leitura. Produção textual. Interdisciplinaridade.

**1. Considerações iniciais**

Nossa proposta neste trabalho é discutir abreviadamente (digo abreviadamente, dada a complexidade do tema) a questão da interdisciplinaridade em nosso cotidiano pedagógico e dizer como essa perpassa nossa prática docente em aulas de leitura e produção textual, no bacharelado interdisciplinar em ciência e tecnologia (BICT), em que atuamos em São Luís – MA, a fim de ensejarmos uma alteração mesmo acerca de nosso exercício profissional, buscando trocar experiências. Lembramos que, num BICT, o estudante não precisa definir o curso a ser seguido no momento da entrada na universidade, só depois, escolhe seu caminho e o

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

em que atuamos no Maranhão, na Universidade Federal (UFMA) proporciona, primeiramente, a formação em ciência e tecnologia e o que temos visto é a opção da maioria em dar continuidade a seus estudos em engenharia. A UFMA oferece 04 opções aos concluintes: computação e meio ambiente; civil; mecânica e sanitária. O ideal desses jovens é ser engenheiros. Nosso desafio é desenvolver um trabalho motivador em sala de aula, visto que sua relação com a área de exatas pode ocasionar desinteresse por nossa cadeira. Atuamos na disciplina de leitura e produção textual, procurando dar um tratamento interdisciplinar ao seu conteúdo, lembrando que não há conhecimento sem poderes que os sustentem. Dessa forma, frente à complexidade atual, vimos nos valendo de uma epistemologia expandida, perpassando por áreas diferentes, dispensando olhares diversos sobre o mesmo objeto. O aparato teórico que norteia nosso trabalho é o de Ivani Catarina Arantes Fazenda (1996) e José Morán (2015), entre outros.

### 2. *Uma tentativa de compreender a interdisciplinaridade*

Começamos traçando um percurso histórico do termo: de acordo com Américo Sommerman (2012), a palavra *interdisciplinar* teve sua primeira ocorrência em 1885, mas o sentido da palavra começou a ser consolidado nos anos 90 do século passado, ganhando força na literatura em 2000. Dada sua complexidade, deve-se sublinhar que o termo não está definitivamente cunhado e que toda a tentativa de o explicitar de forma unívoca deve ser rejeitada.

Para Pombo (2003), na medida em que não existe uma definição única possível para esse conceito, devem-se evitar-lhe definições abstratas. Tomamo-lo hoje, neste trabalho, como: "interação prolongada e coordenada entre disciplinas acadêmicas, levando à integração de diferentes áreas". Para Ivani Catarina Arantes Fazenda (1996), a interação é condição indispensável para a interdisciplinaridade.

Os conhecimentos disciplinares são paradigmáticos (no sentido de Thomas Samuel Kuhn, 1989), mas não são assim os interdisciplinares, visto necessitarem de vários modelos para constituírem-se, ou seja, quando se fala em "interação" entre diferentes disciplinas, estamos pensando em quebra de modelos que o conceito impõe. Estamos nos remetendo à derrubada de muralhas, entendendo que o conhecimento se constrói por meio da desconstrução (KUHN, 1989) e ruptura, pela descontinuidade e união.

Exatamente por causa desses desafios impostos pela interdisciplinaridade, quando assumimos nossa cadeira no bacharelado interdisciplinar em ciência e tecnologia da Universidade Federal do Maranhão, tivemos, em primeiro lugar, de repensar o conceito de disciplina. Procuramos, a partir de então, compreendê-la como uma instância da construção social do sujeito-aluno, que interage com outros sujeitos e por essa fica estabelecida, indubitavelmente, uma relação coordenada: quem fala, quem tem competência para selecionar os conteúdos, organizá-los, dispô-los em sequência para que se consolide como unidade, entrelaçando-se com outras áreas. Pensar a disciplina dessa maneira é entendê-la múltipla, descentrada, orientada para um sujeito também assim constituído.

Estabelecidas essas questões e refletindo acerca de todo do curso, começamos a procurar as disciplinas com as quais poderíamos interagir. Esse foi um primeiro obstáculo, porque nem todos os professores conseguem ensinar diálogos com outras áreas. O saber compactado a que nos vimos submetidos em nossa formação e enraizado em nossa vida, muitas vezes não permite a flexibilização. Assim procedendo, o professor vê abalados o seu poder e a sua competência e teme. Sente-se fragilizado porque “perde” a unicidade da voz para estabelecer conteúdos. Sente inquietados os pilares determinados há séculos pela escola.

### **3. *Estabelecendo o diálogo***

Dentre as disciplinas que mais aceitaram e aceitam o diálogo, em nosso curso, relacionamos a química e a computação. Foram então com essas iniciados os trabalhos, tanto os de sala de aula, quanto os de conclusão de curso.

Em relação às áreas de computação e química, selecionamos textos que, de certa forma, acrescentassem algum saber relativo à área e pudessem ser tomados em ambas as cadeiras. Nosso objetivo, nossa postura didática, era o de constituir uma integração de forma dialética, atuando apenas como mediadora na relação sujeito/objeto de aprendizagem, assim, acerca desses textos, nossa proposta foi o de leitura dos mesmos e facção de resumos e resenhas. O resultado bastante relevante, porque os alunos tinham um primeiro contato com os mesmos na minha cadeira e, depois, aprofundavam seu saber na da área específica.

Recordemo-nos aqui que, para Maria Lúcia de Arruda Aranha (1996) há cinco visões determinantes da postura didática:

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

- Epistemológica (ligada ao conhecimento)
- Psicológica (ligada à aprendizagem)
- Ontológica (ligada no ser humano)
- Social (ligada na sociedade e no mundo)
- E a ligada no objeto de estudo

Assim como se pensa o aluno, deve-se pensar o fazer pedagógico cotidiano.

Para Selma Garrido Pimenta (1999), o processo identitário se constrói a partir dos significados sociais do professor, ou seja, pelos sentidos que cada professor, como autor, entendido aqui como aquele que tem competência para, confere à sua atividade.

Dada a especificidade da cadeira e do curso, esquadrihamos nossa postura numa inter-relação entre os modelos propostos por Maria Lúcia de Arruda Aranha (*op. cit.*), centrando nossa preocupação no ser social a quem é dirigido o saber, já que o papel da educação é garantir o direito do aluno de aprender e desenvolver-se de forma integral para que se torne cidadão.

Temos caminhado assim, aos poucos, não com muita facilidade, mas sempre procurando relacionar saberes, cruzar e trocar experiências, desenhar esse novo sujeito-aluno que nossa sociedade exige.

Outro diálogo que estabelecemos com os professores da computação foi com uma proposta de resgate de elementos culturais. Solicitamos que os alunos recolhessem junto a seus familiares ditados populares e com eles montassem pequenos vídeos de entrevistas, dando à voz a seus interlocutores.

O resultado foi muito acima do esperado: os jovens tinham, ao mesmo tempo de utilizar o saber adquirido em aula de computação para a elaboração desse material e rememorar o saber enraizado em nossa cultura, por meio dos depoimentos. Além da superação de nossas expectativas, a motivação dos alunos para a confecção dos vídeos surpreendeu-nos, e nosso objetivo foi totalmente satisfeito: conseguimos unir um saber inscrito no saber cultura popular, com uma outra linguagem, melhor, fazer com que esse saber fosse “reescrito” numa mídia, emprestando o termo de Derrida, “traduzido” para uma outra linguagem. Isso fez com

que os alunos se sentissem sujeitos de seu aprendizado, tornando-o muito mais significativo para eles.

Os trabalhos de conclusão de curso que propusemos também buscaram (e buscam) a integração com outras cadeiras. A título de exemplificação, no ano passado, um aluno apresentou, no XIX Congresso de Linguística e Filologia, seu trabalho em forma de comunicação, divulgando o levantamento das expressões emprestadas da computação presentes em dois dos mais importantes jornais impressos do Maranhão: O imparcial e o estado do Maranhão<sup>2</sup>. Os resultados foram impactantes e a intertextualidade com a área da computação deu um colorido diferenciado ao texto.

Recentemente, experimentamos o diálogo com a cadeira de engenharia civil e propusemos o estudo dos manuais de fiscalização de engenharia, numa perspectiva de gêneros, apoiados em Bakhtin, ainda estamos colhendo os frutos desse trabalho, que esperamos sejam saborosos e enriquecedores.

#### **4. Considerações finais**

Para finalizar, devemos, com José Morán (2015), entender que a “educação formal está num impasse diante de tantas mudanças na sociedade: como evoluir para tornar-se relevante e conseguir que todos aprendam de forma competente a conhecer, a construir seus projetos de vida e a conviver com os demais” (MORÁN, 2015, p. 15). Os processos de organizar o currículo, o conteúdo das disciplinas, as metodologias, os tempos e os espaços precisam ser revistos.

Contudo e, para terminar, queremos sublinhar que não se trata de uma tarefa de fácil execução: temos de entender, como professora de língua portuguesa que somos, que o aluno a quem se dirige este saber não se habilitará em letras e, por isso, o que lhe interessa como futuro profissional, no caso de um trabalho com manuais de engenharia civil, são, sobretudo, as orientações contidas neles, muito mais do que as noções de gênero mesmo, que um aluno de nossa área teria. Nesse sentido, precisamos abrandar nosso olhar, para não pensarmos única e exclusivamente em nossa área e, efetivamente, promovermos a interação entre as cadeiras.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/xix\\_cnlf/cnlf/02/005.pdf](http://www.filologia.org.br/xix_cnlf/cnlf/02/005.pdf)>.

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Esses e outros obstáculos com que nos deparamos frequentemente ultrapassam a questão epistemológica: o espaço que antes era ocupado por apenas um professor, de forma centralizada, permitindo um saber-fazer numa única direção, hoje está descentralizado, assim, é necessário que os docentes repensem o objeto de nossa disciplina e a pensemos como integradora de saberes, direcionada a sujeitos que vivem hoje numa sociedade que lhes exige uma multiplicidade de saberes e informações. Como já dissemos, é grande a complexidade dessa empreitada, mas somos de encarar desafios e a mudança é constitutiva de nossa vida.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofia da educação*. São Paulo: Moderna, 1996.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. *Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro*. Efetividade ou ideologia. São Paulo: Loyola, 1996.

KUHN, Thomas Samuel. *Estrutura das revoluções científicas*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1989.

MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofélia Elisa Torres. (Orgs.). *Coleção mídias contemporâneas*. Convergências Midiáticas. Educação e cidadania: aproximações jovens, vol. II, PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. Disponível em: <[http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando\\_moran.pdf](http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf)>.

PIMENTA, Selma Garrido. (Org.). *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortes, 1999

POMBO, Olga. Epistemologia da interdisciplinaridade. *Revista Ideação*, vol. 10, n. 1, p. 9-40, 2008. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4141>>.

REY, José Fernando Queiruga. *Entenda o que são os Bacharelados interdisciplinares*. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/pro-reitor-da-ufabc-fala-sobre-o-bacharelado-interdisciplinar-em-tramandai>>. Acesso em: 05-07-2016.

SOMMERMAN, Américo. *A interdisciplinaridade e a como novas formas de conhecimento para a no co do conhecimento em geral: contribuição para os campos da Educação, da Saúde e do Meio Ambiente*. 2012.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Tese (de doutorado). – Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em: <<http://cettrans.com.br/wp-content/uploads/2012/11/ufba-doutorado-am%c3%89rico-sommerman-texto-completo-para-a-defesa-da-tese-vol.-i.pdf>>